

Poder e Violência – Formas de Subjetivação e Desubjetivação¹

Power and Violence - Forms of Subjectivation and Desubjetivation

Ângela Piva²
Ariane Severo³
Jussara Dariano⁴

Resumo: Este estudo revisa conceitos sobre violência e poder em Freud, Arendt, Foucault, Barthes, Berenstein e Puget, sustentando que a tendência universal e histórica é considerar a violência como inerente à natureza humana reflete uma posição simplificadora e defensiva e que ela se gera no encontro com um outro diferente, com uma alteridade que impõe exigência contínua de trabalho psíquico. Violência e poder surgem como efeitos do encontro, que por sua vez constituem ou desconstituem subjetividade.

Summary: This study revises the concepts on violence and power in Freud, Arendt, Foucault, Barthes, Berenstein and Puget, supporting that the universal and historical trend is to consider the violence as inherent to the nature human being reflects a simply and defensive position and that it generates itself in the meeting with one another different one, with a alter other that imposes continuous requirement of psychic work. Violence and power appear as effect of the meeting, that in turn constitute or desconstitute the subjectivity.

Descritores: Avúnculo, mito de Édipo, autoridade, vínculo e sadismo.

Keywords: Avunculus, myth of Édipo, authority, bond and sadism.

¹ Trabalho realizado a partir de reflexões no grupo de estudo do CIPT a propósito do tema – dezembro 2006.

² Psicóloga, Psicanalista SBPPA (IPA), Presidente e Membro Fundador do CIPT e Idealizadora da Sociedade Brasileira de Psicanálise das Configurações Vinculares.

³ Psicóloga, Psicanalista CEP-PA, Professora e Membro Efetivo e Professora do CIPT

⁴ Psicóloga, Socióloga, Psicanalista Vincular e Professora e Membro Efetivo do CIPT,

O tema da violência e do poder adquiriu e se mantém na atualidade como tema predominante de grande intensidade e repercussão na discussão de sociólogos, filósofos, antropólogos, psicanalistas, políticos, autoridades policiais, juristas, cientistas e religiosos. O conceito fundamental da ciência social é o *poder*, no mesmo sentido em que a *energia* é o conceito fundamental da física e o *inconsciente* da psicanálise. A confusão começa quando nos deparamos com autores psicanalíticos que trabalham com o conceito de inconsciente, e não com o conceito de poder, é fruto, em parte, da dificuldade para definir ou demarcar com clareza experiências relacionais. As palavras *violência*, *autoridade*, *força*, *dominação*, *excesso de poder*, comumente tratadas como idênticas, exigem maior precisão conceitual. Esta problemática não despertou maior interesse na psicanálise, apesar de ser tão presente como o *desejo*. Reich, um raro precursor depois de Adler, tentou articular o tema do *poder* com a *repressão sexual*. Genericamente podemos dizer que o *poder originário* está ligado à constituição do psiquismo e está ancorado à figura da mãe como fator fundamental nos primeiros anos de vida. O *poder das origens* está ligado à cultura sendo o protagonista que controla os meios econômicos, ideológicos e políticos.

Nossa proposta é revisar, sumariamente, a propósito do tema, as idéias de alguns autores fundamentais, partindo de Freud para chegar na perspectiva contemporânea à luz da psicanálise dos vínculos.

O Poder e a violência em Freud

Freud e Einstein, em 1932 indagam a respeito do tema. Einstein pergunta:

"Como é que esses procedimentos alcançam despertar nos homens tão selvagem entusiasmo até leva-los a sacrificar sua vida? Só há uma contestação possível: porque o homem tem dentro de si um apetite de ódio e destrutividade? "

Em resposta a carta de Einstein que o desafia a pensar sobre os efeitos da destrutividade do homem, Freud (1932) propõe a discussão sobre o tema do poder e da violência:

"Estou autorizado a substituir a palavra "poder" por violência, mais dura e estridente. Direito e violência são hoje opostos para nós." (p157-158).

Dessa forma Freud (In: Kunzler & Conte, 2005) sustenta a idéia de que a violência precede a lei. Diz que:

"a violência é inerente ao homem. A violência tem mobilidade, pode circular, pode estar delegada ao Estado ou retornar para o homem mas é destrutiva se contenta-se em submeter o homem, não em matá-lo."

Violência, está relacionada com força e destrutividade. Tem a ver com o impulso de dominar e eliminar o outro e está relacionada, em Freud, com a pulsão de domínio. *Poderíamos dizer que a violência é gerada pela existência de outro diferente – surge, portanto, no marco da intersubjetividade.* Trata-se de eliminar o outro por ser fonte de sofrimento (pela intolerável ferida narcísica que sua presença representa), mas, ao mesmo tempo, paradoxalmente, necessita-se do outro como suporte e para poder exercer nele a violência ⁵. A proposição de que a *violência é inerente ao homem*, foi marcada por Freud em 1930 no texto “*O Mal Estar da Cultura*”:

“Então, para tudo o que segue me situo neste ponto de vista: a inclinação agressiva é disposição pulsional autônoma, originária do ser humano. E, retomando o fio do discurso, sustento que a cultura encontra nela seu obstáculo mais poderoso” (p171).

Esta noção é conseqüente às suas convicções sobre a pulsão de morte (1920), onde concebe a agressão como manifestação daquela (ou da primeira) dirigida ao exterior. Anteriormente, quando classificou as pulsões em sexuais e de auto-conservação, considerou os impulsos agressivos como o componente sádico da pulsão sexual, e também como manifestação da tendência à preservação da vida, quando ligada à pulsão de auto-conservação. Então, o estudo da melancolia e do suicídio culmina com o desenvolvimento da teoria do dualismo pulsional - *Eros e Tânatos* - e da possibilidade do funcionamento autônomo da pulsão de morte, enquanto desfusionada da pulsão de vida constituindo-se *numa força silenciosa que empurra ao estado inorgânico.*

Meller (2005) revisando a teoria pulsional, refere que nos artigos: “*O Ego e o Id* (1923 e *No Problema Econômico do Masoquismo* (1924) Freud passa a estudar as manifestações exteriores da pulsão de morte como pulsão destrutiva, a serviço de Eros: *Através da ação muscular, manifesta-se como agressividade, como componente do impulso do saber, e como patologia no sadismo*”⁶. É importante lembrar que nos textos anteriores *Além do Princípio do Prazer* (1920), Freud utilizava o conceito de *pulsão de dominação*, entendendo-a como *uma pulsão não sexual que só secundariamente se unia à sexualidade* tendo como meta dominar o objeto pela força. A pulsão de dominação é referida pela primeira vez nos *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), com relação à crueldade infantil e posteriormente em *A Predisposição para a Neurose Obsessiva* (1913), a propósito da relação atividade-passividade.

“Enquanto a passividade é sustentada pelo erotismo anal, a atividade é devida à pulsão de dominação em sentido amplo, pulsão que especificamos sob o nome de sadismo quando a encontramos a serviço da pulsão sexual” (p405).

A primeira tese freudiana sobre o sado-masoquismo que aparece em *Pulsões e seus Destinos* (1915) aponta que o objetivo do sadismo é a

⁵Freud, S. (1930) O mal estar na cultura (p108).

⁶Freud, S. (1930) O mal estar na cultura (p171).

humilhação e a dominação do objeto pela violência com o objetivo de provocar dor e que, fusionando-se com a sexualidade, retorna como masoquismo.

Retomando:

A partir do surgimento da pulsão de morte, a pulsão de dominação e o sadismo são entendidos como derivados da pulsão de morte que visa destruir o objeto. O retorno da pulsão de morte ao superego ativará o sentimento de culpa e a necessidade de punição que aparece nas condutas autodestrutivas.

Freud aborda também, a questão da violência a partir da perspectiva do narcisismo, quando fala do "narcisismo das pequenas diferenças", onde meu sofrimento *é mal-estar atribuído ao outro*. Já em *Totem e Tabu* (1913) diz da violência em sua construção histórica mítica quando, na horda primitiva, os irmãos em aliança matam o *Pai Todo Poderoso* que reservara todas as fêmeas para si. A partir dessa aliança, surge uma nova ordem social, que estabelece leis em relação ao incesto e ao parricídio.

Poder e violência em Foucault

Ao procurar estabelecer a constituição dos saberes, privilegiando as inter-relações discursivas e sua articulação com as instituições, a "*Arqueologia do Saber*" (1969) de Foucault abre um novo caminho para as análises históricas sobre as ciências. Desde *como* estes apareciam e se transformavam, à questão do *porquê* do seu aparecimento, retratado na "*Genealogia do Poder*" (1976), a partir de condições de possibilidades externas aos próprios saberes; não com o objetivo de descrever as compatibilidades e incompatibilidades entre eles a partir das condições de possibilidades, mas explicar o aparecimento de saberes a partir de condições de possibilidades externas aos próprios saberes; ou seja, que imanentes a eles, situam-se como elementos de um dispositivo de natureza essencialmente estratégica.

Não se tratava mais de considerá-los como efeito ou resultante, mas de explicar sua existência e suas transformações como peça de relações de poder. A questão do poder como capaz de explicar a produção de saberes.

Para Foucault, o poder tem uma existência própria e formas específicas em nível mais elementar, não é uma dominação global e centralizada que se pluraliza, difunde-se e repercute nos outros setores da vida social de modo homogêneo. Não existe para ele uma teoria geral do poder, uma vez que não o considera como uma realidade que possua uma natureza, ou uma essência definida por características universais. Não o vê como objeto natural, uma *coisa, mas como uma prática social constituída historicamente, e portanto capaz de ser revista, reformulada e substituída pelo novo*.

Sua análise entende que o poder, não está localizado em nenhum ponto específico da estrutura social, funcionando como uma rede de dispositivos ou mecanismos aos quais nada e ninguém escapa, aos quais não existe exterior

possível, limites ou fronteiras. *O poder não é algo que se detém como uma coisa, como uma propriedade, que se possui ou não se possui. Não existe de um lado os que têm o poder e de outro lado aqueles que se encontram alijados dele. O poder não existe, o que existe são práticas ou relações de poder, o que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona como uma maquinaria que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social, sempre esta presente e se exerce como uma multiplicidade de relações de forças.*

Foucault rejeita uma concepção do poder inspirada pelo modelo econômico que o considera como mercadoria. Analisando o modo de ação do poder, foi levado com a idéia de *genealogia*, a desenvolver uma concepção não jurídica do poder. Viu que é impossível dar conta do poder, se ele é caracterizado como um fenômeno que diz respeito, fundamentalmente, à lei ou à repressão. A idéia básica de Foucault é mostrar que as relações de poder não se passam, fundamentalmente, nem ao nível do direito nem da violência; não são basicamente contratuais, nem unicamente repressivas. Considera falso definir o poder como algo que diz *não*, que impõe limites e que castiga. Foucault acrescenta a toda essa idéia que identifica poder com o estado e o considera essencialmente como aparelho repressivo no sentido em que seu modo básico de intervenção sobre os cidadãos se daria em forma de violência, coerção, opressão, uma concepção positiva que pretende dissociar os termos dominação e repressão.

É preciso parar de sempre descrever os efeitos do poder em termos negativos, nos adverte Foucault: *"ele produz o real, domínios de objetos e rituais de verdade, possui eficácia produtiva, riqueza estratégica e positividade. Tem como alvo o corpo humano não para supliciá-lo, mutilá-lo, mas para aprimorá-lo, adestrá-lo".*⁷

Uma das teses fundamentais da genealogia de Foucault que toma o poder como produtor de individualidade, será destacado, revisto e ampliado na continuidade do nosso texto, sob a perspectiva de Berenstein e Puget.

Poder e violência em Arendt

Hanna Arendt (1969) escreve:

"Penso ser um triste reflexo do atual estado da ciência política que nossa terminologia sobre violência não distinga entre palavras-chave tais como" poder "(power)," vigor "(strengt)," força "(force)," autoridade "e, por fim," violência "- as quais se referem a fenômenos distintos e diferentes".

Poder (...) O poder é sempre fruto da ação coletiva (...) O poder emerge onde quer que as pessoas se unam e ajam em concerto. (...) O poder nunca é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e permanece em

⁷ Referência de Roberto Machado, organizador da obra de Foucault "Microfísica do Poder"^{15ª} edição (2000)

existência apenas na medida em que o grupo permanece unido. Quando dizemos que alguém "*está no poder*", na realidade estamos nos referindo ao fato de que ele foi empossado por um certo número de pessoas para agir em seu nome⁸.

Autoridade caracteriza-se pelo reconhecimento inquestionável a quem se obedece.

Violência tem um caráter instrumental e se expressa no uso de meios, implementos, instrumentos, ferramentas pelos quais a violência é exercida. Seu uso requer justificação. *É sempre uma reação ao enfraquecimento do poder; é o agir sem argumentar, sem o discurso.*

"A violência resume-se no agir sem argumentar, sem estar dentro de um processo discursivo que é a essência do poder".

Para esta autora, eles conceitos se excluem mutuamente, quando um domina o outro está ausente. Afirma o seguinte:

(...) a forma extrema de poder é Todos contra um; a forma extrema de violência é o Um contra todos". São fenômenos distintos, caminham em direção oposta e não são suficientes para dar conta da complexidade das interações entre indivíduos e sociedade⁹.

Em Arendt, a violência precisa vir acompanhada de um fim que lhe dê direção. Neste sentido, invariavelmente, a manutenção do poder serve de justificativa para o uso da violência como último recurso. Tudo depende do poder por trás da violência. Para esta autora, onde as ordens não são obedecidas os meios de violência são inúteis. Arendt coloca o poder como um fim e a violência como um instrumento de manutenção do poder. O exercício do poder implica em algum modo de obediência. A obediência está diretamente relacionada com a autoridade. O sujeito só obedece quem está no lugar da autoridade; isto é, aquele de reconhecimento inquestionável. A autoridade é considerada a outra face do poder, que faz com que o poder ganhe estabilidade e sustentação. O caminho para a estabilidade é a legitimação que se pode dar com ou sem o uso da violência. A sociedade não legitimando a autoridade do Estado não deixa o poder fluir. A legitimação é aceitação e conformismo.

Para a autora a característica mais fundamental do poder consiste no fato dele sempre ser o resultado de uma atuação conjunta e nunca individual. Com relação à violência, critica a postulação que tenta justificá-la sociologicamente. A violência é compreendida então, como reação ao enfraquecimento do poder; como impossibilidade de um fazer conjunto. Neste sentido, conforme aponta Bezerra (2005) o declínio do poder gera um caldo de cultura para a emergência da violência. Sob esta perspectiva ela fundamentalmente é a expressão da falência de uma esfera pública que deveria permitir que o conjunto dos indivíduos, apesar de suas diferenças

⁸Arendt 1969, p36.123.

⁹[Arendt, 1994, p36 *in*: Violência ou Poder: O que ocorre dentro da sala de aula? Uma leitura a partir de Hannah Arendt um trabalho de Elisabeth Machado (2005) p6.

pudesse comungar e compartilhar num agir comum. Na visão Arendtiana, o ódio surge quando existem razões para supor que as condições poderiam ser mudadas, mas não o são.

Em nosso meio Bezerra (2005)¹⁰ diz que é urgente se entender a natureza e as causas da expansão da violência:

"A violência se expressa no excesso, na gratuidade, na banalidade com que se apresenta no dia-a-dia (...) vem-se infiltrando profundamente no tecido das relações sociais. É cada vez mais parte do cotidiano (...) o impacto desse quadro na vida subjetiva se exprime tanto na corrosão dos laços sociais – na destruição dos espaços de convivência e ação comuns, no isolamento cada vez maior dos indivíduos e no abandono de horizontes compartilhados-quando no campo do sofrimento psíquico e da psicopatologia (...) ela está entranhada em nossa estrutura social e permeia o tecido de nossos laços intersubjetivos.(...) O declínio do poder em função da redução da capacidade de agir em conjunto cria um caldo para o florescimento da violência. Como compreender as raízes dessa violência? Qual seu impacto na experiência subjetiva dos indivíduos?" (2005, p116,118.).

A violência em Barthes

Em uma entrevista realizada em 02 de setembro de 1978, Barthes fala algumas palavras sobre a violência diz que se fala demais e mal sobre ela. Que há vários tipos de violência:

"Existe aquela que reside em toda coerção da coletividade sobre o indivíduo. É por isso que é justo dizer que há uma violência da lei, das leis, uma violência das polícias, do Estado, do direito: O direito que, em certos casos, se apresenta como devendo limitar a violência ou vigiá-la, não pode fazê-lo senão fundando por sua vez uma violência que não é corporal, mas que é de qualquer forma violência da coerção.(...) existe a violência que diz respeito ao corpo dos indivíduos: Ora ela consiste em limitar a liberdade desse corpo e se poderia chamá-la de violência encarcerante, ora é violência sangrenta, a dos ferimentos, dos assassinios, dos atentados."

Para este autor, existe um mecanismo que faz com que não se responda à violência de um tipo senão por uma violência do segundo tipo. Diz ele, que a uma violência do Estado se responderá com uma sangrenta. Seu caráter é ser perpétua, ela se gera a si mesma. *E todo poder contém inelutavelmente uma violência*¹¹. Pergunta-se se a palavra violência não teria dois sentidos. Como *substantivo* e como *adjetivo* violento. Como *destruição* e *signo de morte*, e ao

¹⁰ Bezerra, Benilton, Jr (2005): A violência como degradação do poder e da agressividade. In: Pensando a violência com Freud - A Brasileira na Cultura.p116.

¹¹O grifo é nosso.

mesmo tempo o de uma pulsão que é a *agressividade*, uma força de vida que leva a *criatividade*¹².

O poder e a violência na perspectiva vincular. Contribuições de Berenstein e Puget

Berenstein (2004) afirma que esta temática, apesar de estar sendo abordada por vários pensadores, não tem sido estudado por muitos psicanalistas (ao pesquisar na página web da *American Psychoanalytic Association*, (1998), encontrou 92 citações sobre o poder e poucas de psicanalistas), apesar de considerar as relações de poder como a causa do sofrimento do homem na contemporaneidade. O tema foi citado por filósofos, sociólogos, economistas, historiadores e outros pensadores. Acredita Berenstein que o obstáculo reside no ponto de vista psicanalítico que outorga ao poder uma origem pulsional, uma representação derivada do sexual (na primeira teoria pulsional) e, neste sentido, vinculado ao *sadismo* e à *pulsão de domínio*. O pulsional, diz Berenstein, é uma condição do sujeito para ocupar um lugar de poder, mas sua determinação inconsciente é desde o vincular, desde a relação de poder. Diz o autor:

"Nos vínculos com outros circulam sexualidade relações de poder. Não remetem uma a outra, circunscrevem dois universos distintos ainda que possam sobrepor-se. São instituintes do sujeito tanto em relação ao outro como em relação ao social" (p76).

Toda relação de poder, através de seus mecanismos, implica na imposição da presença do outro, institui-se na medida em que ambos se fazem como sujeitos em uma relação. A relação de poder há de se exercer sempre com e entre outros cuja presença é estritamente necessária. Vamos retroceder um pouco para compreender de onde surge essa teoria.

Berenstein (2001) em seu artigo: *Notas Sobre o Complexo de Édipo* sugere incluir o "*quarto termo*" na figura de Creonte e amplia o complexo para dar abertura a outro conjunto de emoções e mecanismos vinculados ao poder. O sócio-cultural define três termos: *O lugar do pai, o lugar da mãe e o lugar do filho* e também três tipos de vínculos: *Vínculo de aliança, vínculo de filiação e vínculo de consangüinidade*. Esses três vínculos coincidem com o descritivo e observado pela consciência. Berenstein acrescenta o *vínculo avuncular*, que segundo a antropologia de Lévi-Strauss (1949) é o vínculo com a família materna. *Avúnculo*, literalmente, é o *tio materno*. Em Berenstein o avúnculo é o tio materno, mas não somente a pessoa dele, mas estendendo-se ao "*representante do poder*" da família materna dentro do casal. O representante da família de onde provém a esposa e sua relação estrutural com a família conjugal. Lévi-Strauss (1949) no seu livro *As Estruturas Elementares de Parentesco*, assinala que o *doador* da mulher tem atitudes *opostas* ao papel do *pai*. Se o avúnculo tem a lei, o pai não pode tê-la; se o tio materno é

¹²Ver mais no livro o Grão da voz, p428 a 436.

encarregado da lei, o marido da irmã está submisso a esta lei. A relação do filho com o pai, é oposta a relação do sobrinho com o tio.

Berenstein salienta que o essencial não é o sistema familiar em si, mas a relação entre dois sistemas: O poder do irmão-irmã (Creonte-Jocasta) *versus* o poder conjugal¹³. Esta relação baseada no intercâmbio permanece inconsciente e é fundante por estar associada ao tabu do incesto e, necessariamente, dirige a procura do cônjuge para fora do grupo biológico. *Lembrem que é Creonte quem oferece a irmã (lógica da sexualidade), e o trono de Tebas (lógica do poder) como prêmio, funcionando como o doador*. O poder é retomado no personagem de Creonte, irmão de Jocasta. Creonte se identifica com os deuses e interrompe o encadeamento geracional e a descendência que são uma maneira de prolongar a vida. *O quarto termo, o lugar de Creonte, precisa desestruturar-se para dar investidura ao lugar do pai*. Aceitar que a mulher dada como irmã, ou filha, ou neta, terá um filho com alguém que não é da própria família (exogamia) e mudar de posição, passar a ser avô do neto, tio do sobrinho, implica em renunciar ao resto de sexualidade infantil, ceder o uso da função de indicação¹⁴, e aceitar um lugar definitivo de exclusão que só persiste como alheio¹⁵. Na tragédia, Creonte persiste e se sustenta como possuidor de um saber universal acerca de tudo, da vida e da morte, acerca da continuidade e oposição; das diferenças e o alheio entre o eu e o outro, o feminino e masculino, entre uma geração e a seguinte, ante a hierarquia endogamia e exogamia e, por último¹⁶, se identifica com o Eu ideal¹⁶.

O Édipo de quatro termos está na base da estrutura identificatória do Eu, assim como as raízes da sua identidade e de seu pertencimento social. O quarto termo deu lugar ao desenvolvimento de uma teoria psicanalítica do poder. O poder como formação inconsciente com autonomia, amplitude, profundidade e que regula nossos atos cotidianos. Poder que é subjetivo,

¹³Quanto maior a predominância do vínculo avuncular, menor a força significativa do vínculo matrimonial. A presença do avúnculo no conjunto familiar como um lugar habitado e significativo, aproxima as relações familiares da ordem da psicose.

¹⁴A função de indicação segundo Berenstein (1987) é de máxima importância e realiza o ordenamento semiótico dos lugares e posições tanto da estrutura de parentesco como marcar onde tem lugar o desejo ou a ação específica. É cuidar dos parâmetros definitórios de cada relação e de todos os vínculos da estrutura familiar. O contexto de uma relação de casal (aliança) há de poder diferenciar-se do vínculo dos pais com os filhos (vínculo de filiação), ou do vínculo entre irmãos. (vínculo fraterno). O contexto familiar há de ter indicação para poder diferenciar-se do não familiar. É uma função específica do lugar e da função paterna. Se a mãe faz a indicação do lugar, por exemplo, em que deve permanecer o filho, significa que o pai está representado dentro da mãe. O quarto termo tem que ceder o uso da função de indicação para o cunhado ou genro. Todo símbolo supõe a ausência do simbolizado, o pensamento supõe a ausência do objeto real que é pensado. O tio materno (o avúnculo ou quarto termo) como presença pressupõe a ausência do pai (p112).

¹⁵El ajeno, é representado através da figura do desconhecido, o forasteiro, o estrangeiro. Sua presença questiona a própria subjetividade e as representações sobre as quais se sustenta; o alheio obriga a questioná-las e o que ocorre é que este sujeito há de se vincular com esse desconhecido. Através dessa relação o sujeito se afeta, se altera, sua estabilidade se altera. Ver mais em Berenstein. Há três setores do alheio do Eu: o próprio inconsciente, o alheio do outro e o alheio do conjunto social ao qual pertencemos. A violência opera distintamente em cada um deles. A violência intersubjetiva tem como fonte o vínculo com os outros e pode levar a uma desvinculação (2004) p 60,133.

¹⁶Ver mais em El Sujeto y el otro – De la ausencia a la presencia. Cap 1: Notas Sobre o Complexo de Édipo (2001).

onipresente, invisível em sua estrutura mas visível em seus efeitos. Conforme Berenstein existem três momentos distintos: mito, tragédia e complexo.

O mito pertence ao tempo dos Deuses, sem sujeito. A tragédia sustenta um tempo dividido entre homem e deuses e prenuncia a cisão do sujeito e o estabelecimento de uma interioridade. A tragédia, portanto, está no campo da sexualidade e do saber, do enigma e do poder. Há duas dimensões, a sexualidade que foi tratada por Freud e pela psicanálise nos primeiros anos, e o poder que espera ser desenvolvida¹⁷.

Berenstein (1991) é o psicanalista que formula e desenvolve a importância do lugar e da função do quarto termo, assim como as características do vínculo avuncular. Sua dinâmica é fundamentalmente inconsciente e carrega uma tensão permanente em relação ao vínculo de aliança e na articulação entre a doação e renúncia da função de indicação por parte do avúnculo. Ao longo dos anos estamos tendo o privilégio de acompanhar o desenvolvimento desta teoria, que partindo da antropologia e da psicanálise propõe duas lógicas na constituição da subjetividade: *a do poder e a da sexualidade. Ambas têm a capacidade instituir subjetividade*. Toda relação de poder, através de seus mecanismos, a imposição da presença do outro, institui na medida em que ambos se fazem como sujeitos em uma relação. A relação de poder há de se exercer sempre com e entre outros cuja presença é estritamente necessária,

Na passagem da concepção estruturalista para o paradigma da complexidade (2004), a teorização do poder pretende dar conta do padecimento do homem pela presença que impõe um sentido, e ao mesmo tempo essas relações de poder são inerentes ao sujeito. As relações de poder compreendem outra dimensão do inconsciente, aquela relacionada com a presença do outro(s) e com os fenômenos de imposição. Neste mesmo trabalho, definiu poder :

*"como uma relação de imposição entre um sujeito e o outro que leva a uma modificação do corpo e da subjetividade. Resultante de um posicionamento de lugares onde a comunicação se estabelece entre alguém que impõe a alguém a quem é imposto. Relação submetedor-submetido. O poder como uma ação possível ou um saber do sujeito em relação ao outro"*¹⁸.

E mais adiante citando, Foucault (1976) distingue *violência de relações de poder*. Chama de *relações* porque se trata de ações que um sujeito pode levar a cabo para impedir que o outro cumpra com as suas ações. *E neste caso estão dirigidas as ações do outro mas não o outro como sujeito*. Complementa afirmando que Foucault, quando fala de violência está referindo-se em suprimir o sujeito e não só suas ações. Coincidimos com seu comentário acerca de que:

¹⁷[A tragédia aponta para o fim de uma época em que os deuses dominavam o universo e eram donos dos atos humanos e de seu destino pessoal, político e social. A tragédia surgiu como resultado da interrogação do homem a cerca da sua origem, de seus atos pelos quais passa a se responsabilizar. Pode não ser culpado por não saber mas não pode se eximir da responsabilidade. O homem é trágico e não culpado.

¹⁸[15] Em conferência na VII Jornada Anual do Instituto Contemporâneo de Psicanálise e Transdisciplinaridade " O Sujeito de seus Vínculos", 2006.

"Na vida social, mais precisamente na vida pública, nas relações de poder entre os sujeitos, quando um deles ou um grupo monopoliza essas relações e despoja os outros de sua capacidade de fazer marca, as relações deixam de ser tais e passam a ser atos de violência, que têm por consequência que o sujeito perde sua qualidade como tal" (p90).

Já em 2006 Berenstein dirá que :

" Violência e poder, não são a mesma coisa". (p4) O poder é um saber fazer e violência é uma ação que está dirigida para suprimir ou destruir o outro. O poder é:" uma ação, uma potência, atividade para modificar; um ato verdadeiramente intersubjetivo, que leva a modificar os sujeitos em relação com a sua identidade, porque um sujeito impor sua presença¹⁹ é inerente. São movimentos de imposição, recíprocos,²⁰ onde um sujeito deixa sua marca no outro e o coloca em uma nova subjetividade. E se a marca existe nos força a fazer algo com ela: recebê-la, modificá-la e modificar a si mesmo" (p 4).

Berenstein (2001) propôs a violência desde o ponto de vista vincular (intersubjetivo) e a conceitua como:

"atos que se realiza entre o sujeito e o outro consistente no despojo de seu caráter de alheio e na intenção de transformá-lo em semelhante ou idêntico ao eu. Se associa ao apagamento da subjetividade do outro (...) um desaparecer do eu como distinto".

O alheio caracteriza-se como aquilo do outro em que o eu não pode inscrever como próprio apesar de tentar. É o que é irremissível, incognoscível e para sempre enigmático ou obscuro e faz com que o outro seja outro. Do ponto de vista social a violência inclui um arrasamento do sentimento de pertencimento a um conjunto de sujeitos ou parte da comunidade. A violência transubjetiva originada no sócio cultural atravessa os vínculos interpessoais e o próprio eu. A violência se refere a uma "*qualidade*" de certas ações e fortes emoções ligadas a agressão e não tolerância do limite oferecido por outro sujeito, sua mente e em especial seu corpo. O autor propõe vários tipos de violência. Um dos tipos está conectado com o *mal*. O *mal*, caracterizado como o efeito da ação de despojo e destituição do caráter humano de um outro considerado alheio, por meio de maltrato, tortura, extermínio.

Puget, (1998) ²¹ revisando a teoria sobre o poder, assinala que, no âmbito familiar, o poder está determinado pelo sexo e que no âmbito social se apóia na capacidade de matar. Num momento posterior (2002), coloca o tema do poder no contexto das *relações de poder* dando ênfase na indissociável relação deste com *a função de vinculação*. Para esta autora:

¹⁹[*"A presença é esta qualidade que lhe e me impõe uma marca, me modifica e lhe modifica (...)" (2004 p35).*

²⁰[O itálico é nosso.

²¹[*In*: Diccionario de Psicoanálisis Las Configuraciones Vinculares.

"Vincular é fazer algo com... a partir do jogo das diferenças".

Diz ainda:

"Homologo relações de poder com o que chamo de efeitos de presença, enquanto sustentação da potencialidade vinculante."

A violência surge, então, com a impossibilidade de se fazer esse "algo" com as diferenças.

Considerações finais

Na medida em que nos envolvemos com essa temática, cresce a necessidade de reflexões conceituais mais profundas; aliás, muitos conceitos em psicanálise carecem desta reflexão.

A tendência universal e histórica de considerar a violência como inerente à natureza humana (ainda que verdadeira) reflete uma posição simplificadora e defensiva.

Aqui, parece-nos importante marcar a posição de que *violência* e *poder* surgem no marco da *intersubjetividade*.

Eles se geram no encontro com um outro diferente, com uma alteridade que impõe exigência contínua de trabalho psíquico. Então, pelo seu caráter recursivo, violência e poder surgem como efeitos do encontro, que por sua vez constituem ou desconstituem subjetividade.

Certamente também merece atenção como as *relações de poder* podem passar ao *excesso de poder* e à *violência* ao se adotar a obrigatoriedade de fazer algo de uma determinada forma. Além disso, cada configuração vincular, seja grupo, família, casal, uma organização social e até mesma a relação paciente-analista, pode gerar os seus próprios sintomas, que anulam a função de vinculação.

Assim, deixamos aberto o caminho para o desenvolvimento destas questões.

Referências bibliográficas

- ❖ Arendt, Hanna (1958) *A Condição Humana*. Rio de Janeiro:Forense Universitária. 10 edição, reimpressão 2005.
- ❖ Barthes, Roland (1953) *O Grão da Voz*. São Paulo. Martins Fontes.2004
- ❖ Berenstein, Isidoro (1987) *Psicoanalisar uma Família*. Buenos Aires: Paidós Psicologia Profunda. 1ª edição 1987, 2ª reimpressão 1996.
- ❖ Berenstein, Isidoro & Puget, Janine (1993) *Psicanálise do Casal*. Porto Alegre: ArtesMédicas
- ❖ Berenstein, Isidoro(2001) *El Sujeto Y El Outro De la ausencia a la presencia*. Buenos Aires: Paidós Psicologia Profunda.
- ❖ Berenstein, Isidoro (2001) Notas sobre la Violência.Conferência realizada no Instituto Contemporâneo de Psicanálise e Transdisciplinaridade. Porto Alegre.RS. Brasil.
- ❖ Berenstein, Isidoro (2004) *Devenir Outro Com Outro(s) Ajenidade,presencia, interferência*. Buenos Aires: Paidós Psicologia Profunda.
- ❖ Berenstein, Isidoro (2006) Amor, poder y sexualidad en los vínculos en la contemporaneidad.
- ❖ Berenstein, Isidoro (2006) em entrevista do Jornal do Instituto Contemporâneo de Psicanálise e Transdisciplinaridade por ocasião da VII Jornada Anual do Contemporâneo – O Sujeito e seus Vínculos. Porto Alegre, agosto ,2006.
- ❖ Berenstein, Isidoro - A Psicanálise dos Vínculos. Perguntas formuladas pelo grupo de estudos em Psicanálise dos Vínculos coordenado pela Psicanalista Ângela Piva. Diálogos Contemporâneos. Edição n 2- Jul/06. Ano 02- Porto Alegre- RS- Brasil.
- ❖ Bezerra, J. Benilton (2005). A violência como degradação do poder e da agressividade. In: *Pensando a Violência com Freud. A Brasileira na Cultura*. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, SBPA de POA, nov. 2005.
- ❖ Birman, Joel (2000) *Mal-Estar na Atualidade. A psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro:Civilização Brasileira, 4 edição, 2003.
- ❖ Burin, Mabel & Meler, Irene (1998) *Género Y Família en al Construcción de la Subjetividad*. Buenos Aires: Paidós Psicologia Profunda 2 reimpreiõn,2001.
- ❖ Deleuze, Gilles (1953-1974) *A Ilha Deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras LTDA.2006.
- ❖ Foucault, Michel (1972) *História da Loucura*. São Paulo: Perspectiva, 5a edição, 1985
- ❖ Foucault, Michel (1975) *Vigiar e Punir História da Violência nas Prisões*. Petrópolis: Vozes 1988, 6a edição
- ❖ Foucault, Michel (1976) Genealogia e Poder, curso no Collège de France, 7 de janeiro de 1996. Tradução de Ângela Loureiro de Souza e Roberto Machado.
- ❖ Foucault, Michel (1977) *O Nascimento da Clínica*. Rio de janeiro: Forense universitária,1980.

- ❖ Foucault, Michel (1979) *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 5 edição, 1985.
- ❖ Foucault, Michel (1984) *Doença Mental e Psicologia*. Rio de Janeiro: Tempo brasileira. 1984.
- ❖ Foucault, Michel (1984) *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal
- ❖ 7ª edição, 1985.
- ❖ Foucault, Michel (1984) *História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Graal. 4ª Edição, 1985.
- ❖ Foucault, Michel (1984) *História da Sexualidade; O Cuidado de Si*. Rio de Janeiro: Graal. 1ª edição 1985.
- ❖ Foucault, Michel (1970-1982) *Resumo dos Cursos do Collège de France*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- ❖ Foucault, Michel (1926-1984) *Estratégias, Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1ª Edição 2003.
- ❖ Francischelli, L.A. Breves Considerações Sobre o Mal (nosso de cada dia). In: *Pensando a Violência cruzamentos 2* (org) Fernando Kunzler e Bárbara Conte. São Paulo: Editora Escuta.
- ❖ Freud, Sigmund (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade v. VII. Standart Edition.
 - (1913) Predisposição à neurose obsessiva v. XII.
 - (1913) Totem e Tabu v. XIII.
 - (1915) Pulsões e seus destinos v. XIV
 - (1920) Além do princípio do prazer. v. XVIII
 - (1923) O ego e o Id v. XIX
- ❖ Kunzler, Fernando & Conte, Bárbara organizadores. (2005) *Pensando a Violência*. São Paulo: Editora Escuta.
- ❖ Laplanche & Pontalis (1998) *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- ❖ Lévi-Strauss, Claude (1949) *As Estruturas Elementares de Parentesco*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes (1982).
- ❖ Losso, Roberto (2001) *Psicoanálisis de La familia recorridos teóricos-clínicos*. Buenos Aires: Distribuidora Lúmen.
- ❖ Machado, Elisabeth Mazon (2005) *Violência ou Poder: O que ocorre dentro da sala de aula? Uma leitura a partir de Hannah Arendt*. Santo Ângelo. RS. Brasil.
- ❖ Meller, Lores Pedro. (2005) *A Violência em Freud*. In: *Pensando a Violência com Freud. A Brasileira na Cultura*. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, SBPA de POA, nov. 2005.
- ❖ Marcuse, Herbert. (1966) *Eros e Civilização – Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- ❖ Pachuk, Carlos & Friedler Rasia (org) (1998) *Diccionario de psicoanálisis de las configuraciones vinculares*. Buenos Aires: Ediciones Del Candil.
- ❖ Puget, Janine (2001) (org). *La Pareja y Sus Anundamientos erotismo-pasión-poder-trauma*. Buenos Aires: Lugar Editorial S.A
- ❖ Puget, Janine (2002) *Las relaciones de poder, solidariedad y racismo*. In: *Seducción, dominio y poder – Psicoanálisis de las Configuraciones*

- Vinculares* – Revista de la Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo. Buenos Aires, Tomo XXV, número 1 – abril 2002
- ❖ Schüller, Donaldo (2005) A História da Violência – Genocídios. In: *Pensando a Violência com Freud. A Brasileira na Cultura*. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de psicanálise, SBPA de POA, nov.2005.
 - ❖ Zimerman, David.(2001) *Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas Editores.
 - ❖ Winch, Peter. (1970) *A Idéia de uma Ciência Social*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.